

1. Jesus de Nazaré: conduzido pelo Espírito, doador do Espírito (o ser de Jesus)

Nesta manhã de domingo, dando continuidade ao Simpósio Arquidiocesano no Ano da Misericórdia, e depois de termos acompanhado as abordagens bíblica, sistemática social e social da Misericórdia, vamos refletir sobre a dimensão espiritual da Misericórdia. Creio que em minha reflexão, repetirei pontos já refletidos, pois as dimensões ou abordagens se interpenetram e se complementam, embora a **dimensão espiritual** constitua “a identidade” da Misericórdia. Para tornar mais claro, diria que Deus não é só misericordioso, mas **“Ele é a Misericórdia”**. É assim que Ele se revela em toda a história da Salvação, desde a Criação até “plenitude dos tempos” (Gl 4,4) quando enviou Seu Unigênito, o Messias prometido, e continua se revelando na vida e na missão da Igreja de Seu Filho, presente na história *até que Ele venha*.

Para refletirmos sobre a dimensão espiritual da misericórdia, é bom lembrar a razão pela qual o Papa Francisco proclamou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia: *“Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes”* (MV, 3).

O Papa no início da Bula já havia dito: *“Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação”* (MV, 1). Ao abordarmos a dimensão espiritual da misericórdia nesta manhã, precisamos deixar que o Espírito Santo ative em nós o olhar contemplativo, o olhar penetrante dos profetas (Nm 24,3.15), para que entremos no mistério de Deus e percebamos em nós, nos outros e em toda a realidade o seu agir amoroso e misericordioso que faz nova todas coisas (Ap 21,5) e que nos salva. Lembro aqui um querido confrade, que foi nosso Ministro geral, já falecido, e que escrevia num texto muito rico: “O termo contemplação é composto de três palavras: *cum*, *templum* e *ação*. Parto da última palavra, dizia ele, para definir a contemplação como ação de estar com alguém no templo. É a ação por excelência porque forma o coração. O Evangelho diz que é do coração que saem as ações boas e más (cf. Mt 15,19). As ações visíveis das mãos, dos pés, da palavra têm significado se são expressão de um coração formado na contemplação” (Frei Giacomo Bini, OFM). Dentro deste contexto quero citar o Evangelho segundo Marcos, no capítulo terceiro, quando Jesus escolhe os apóstolos: “Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram até Ele. Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com Ele e para enviá-los, com autoridade para expulsar os demônios” (Mc 3,13-15). Este “ficar com Jesus” é o que diferencia, ou deveria diferenciar, os cristãos das demais pessoas, porque a marca registrada dos discípulos de Jesus e estar com Ele, “permanecer com Ele” (cf. Jo 15,4). É este “encontro pessoal e comunitário com o Senhor” que nos faz Seus discípulos e missionários, como afirma o

Documento de Aparecida (DA, 11). É a partir do “estar com o Senhor” que nós somos enviados para agir no mundo. Agir no amor e na misericórdia do Pai.

É a partir de Jesus de Nazaré, de Sua pessoa, de Seu ensinamento e de Sua prática que compreendemos a espiritualidade cristã que sustenta nossa vida e missão, nossa fé. E Nele acontece o sentido pleno de toda a Revelação de Deus em nossa história: *“Nos tempos antigos, muitas vezes e de muitos modos Deus falou aos antepassados por meio dos profetas. No período final em que estamos, falou a nós por meio do Filho. Deus o constituiu herdeiro de todas as coisas e, por meio dele, também criou os mundos”*(Hb 1,1-2).

2. Jesus Cristo é o acesso ao Pai e o rosto de Sua misericórdia (o agir de Jesus)

Os Evangelhos nos oferecem a experiência que os apóstolos e as primeiras comunidades cristãs fizeram do Senhor: Nele se realiza tudo o que o Pai queria que nos fosse revelado para que, acolhendo Sua misericórdia, entrássemos no caminho da conversão e testemunhássemos a irrupção de Seu Reino em nossa história. Apesar do pecado que traz a morte, dificulta a convivência entre nós, tornando a vida sem sentido, num mundo desigual, injusto e violento, a revelação do Pai na pessoa de Seu Filho mostra claramente a força do amor. Daquele é a misericórdia, sempre disposto a perdoar: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5,20). Acompanhemos o agir misericordioso de Jesus entre nós:

- na proclamação de Seu ministério: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para anunciar aos aprisionados a liberdade, aos cegos a recuperação da vista, para por em liberdade os oprimidos e para anunciar um ano graça do Senhor”* (Lc 4,18s);
- no Seu projeto de vida: *As Bem-aventuranças e todo Sermão do Monte* (Mt 5-7);
- Sua percepção da situação do povo: *“Jesus percorria todas as cidades e aldeias ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda enfermidade e doença. Vendo o povo, sentiu compaixão dele porque estava fatigado e prostrado como ovelhas sem pastor”*(Mt 9,35s);
- Sua fé na força histórica dos pobres: *“Naquela mesma hora, [Jesus] exultou no Espírito Santo e disse: ‘Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos’*(Lc 10,21);
- Seu alimento é a vontade do Pai: *“Meu alimento é fazer a vontade Daquele que me enviou e completar Sua obra”* (Jo 4,34);
- Prova de amor: *“Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos* (Jo 15,13);
- Ele, ressuscitado, nos dá o Seu Espírito: *“A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós. [...] Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo”* (Jo 20,21s).

Creio que o Papa Francisco resume muito bem o agir de Jesus com estas palavras da Bula *Misericordiae Vultus*: “Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individuar o amor da Santíssima Trindade. A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. “Deus é amor” (1 Jo 4, 8.16): afirma-o, pela primeira e única vez em toda a Escritura, o evangelista João. Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d’Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n’Ele fala de misericórdia. N’Ele, nada há que seja desprovido de compaixão” (MV, 8).

3. Contemplação e ação – espiritualidade e compromisso com a transformação das estruturas de pecado (o ser e o agir da Igreja)

A agir da Igreja é o agir de Jesus: nasce da experiência filial de Jesus e de Sua entrega incondicional ao Pai: “Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade de quem me enviou”(Jo 6,38); “Meu alimento é fazer a vontade Daquele que me enviou e completar Sua obra” (Jo 4,34). E se Jesus “passou pelo mundo fazendo o bem a todos” (At 10,38), a Igreja deve fazer o mesmo para ser fiel à missão recebida do Senhor: “Como o Pai me enviou também eu vos envio. [...] Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, ficarão retidos” (Jo 20,21-23).

O perdão dos pecados é a superação de todas as fraturas humanas e espirituais que impossibilitam vivermos como filhos e filhas de Deus, irmãos e irmãs, irmanados pelo mandamento do amor, harmonizados com todas as criaturas numa convivência fraterna que evidencie o Reino do Pai inaugurado por Jesus e constantemente renovado pela força de Seu Espírito.

A atitude contemplativa e orante que marca profundamente a vida de Jesus O impele para o encontro e embate com as forças do mal que querem impedir a irrupção do Reino do Pai: “Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo”(Mt 4,1; Lc 4,1s). As forças do mal ou o “mistério da iniquidade” (2Tes 2,7) agem em todos os lugares e impedem a plena manifestação do Reino do Pai inaugurado por Jesus com Sua encarnação. Vemos no Evangelho este combate empreendido por Jesus:

- Com os sacerdotes, os mestres da Lei e os fariseus, mais preocupados com o pagamento do dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho do que com o mais importante da Lei: “a justiça, e misericórdia e a fidelidade” (Mt 23,23);

- No Templo de Jerusalém, transformada em “covil de ladrões” (Mt 21,13);

- Com as falsas imagens de Deus transmitidas pelos sacerdotes, mestres da Lei, fariseus e disseminadas na vida do povo;

- Com a corrupção, a luta pelo poder e a exploração dos pequenos presentes no Templo, na vida política e na vida do povo, mesmo entre Seus apóstolos: “Assim não há de ser entre vós. Ao contrário, aquele que desejar ser grande seja vosso servidor, e aquele que desejar ser o primeiro, seja vosso escravo, tal como o Filho do homem que veio não para ser servido mas para servir e dar sua vida para a redenção de muitos” (Mt 20,26-28).

A espiritualidade cristã é a espiritualidade da misericórdia que é o ser e o agir de Jesus em sua vida e missão. Essa espiritualidade está enraizada na **fé de Jesus**, que manifesta Sua confiança e entrega radical nas mãos e na vontade do Pai. Foi assim o caminho percorrido por Jesus na história humana transformando-a em *história da salvação*. A espiritualidade cristã é uma espiritualidade que nos faz ter clareza quanto a finalidade da história humana, enquanto “lugar teológico” onde Deus-Trindade Se revela e manifesta Sua misericórdia. Lembro, como palavra final, o que afirma o grande teólogo latino-americano Gustavo Gutierrez, no livro *A força histórica dos pobres*: “Conhecer a história e descobrir o Deus que nela se revela, nisto consiste a fé bíblica”.

Que estas abordagens feitas em torno do tema da misericórdia, sempre atual e necessários de serem retomado na vida do povo de Deus, nos ajudem a *aprofundar as consequências sociais da fé cristã, visando a concretização das obras de misericórdia em nossa Arquidiocese*, tendo em vista a construção do Reino do Pai neste mundo onde a vida é banalizada, a desigualdade cresce e os pobres são sempre maioria, as oportunidades de paz são descartadas e a “criação espera ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus”(Rm 8,19). Termino citando o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*: “O Reino, que se antecipa e cresce entre nós, abrange tudo, como nos recorda aquele princípio de discernimento que Paulo VI propunha a propósito do verdadeiro desenvolvimento: ‘Todos os homens e o homem todo’. Sabemos que ‘a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho’. A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história” (EG,181).

Obs.: No início de minha abordagem, fiz, livremente algumas considerações sobre a “experiência da misericórdia” na vida de São Francisco de Assis.